

Arte-educação: o despertar de olhares para a valorização do patrimônio histórico

Art-Education: The awakening of look to the appreciation of the historical patrimony

CLÁUDIA MATOS PEREIRA*

Artigo completo submetido a 1 de junho e aprovado a 9 de junho de 2014.

*Brasil. Artista plástica e professora. Assistente convidada a lecionar desenho na Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, FBAUL. Mestre em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora — UFJF. Graduação — licenciatura plena e bacharelado em Artes UFJF.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes. Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058, Lisboa, Portugal. E-mail: claudiamatosp@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo demonstrar um trabalho realizado com turmas de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II em duas escolas particulares da cidade de Juiz de Fora, estado de Minas Gerais, Brasil. As aulas motivaram os alunos para o conhecimento de bens tombados pelo patrimônio histórico e despertaram um olhar indagador e amoroso com a cidade — um 'reencantamento' espacial. **Palavras chave:** Imagem e cultura / patrimônio histórico / educação artística / Juiz de Fora / FUNALFA-UFJF.

Abstract: *This article aims to demonstrate a work with a group of students at the 6th grade of Elementary School II in two private schools in Juiz de Fora city, Minas Gerais state, Brazil. The classes motivated the students to the knowledge of properties considered protected by the historical patrimony and aroused an inquiring and loving look to the city — a spatial 'reencantment'.* **Keywords:** *image and culture / historical patrimony / arts education / Juiz de Fora / FUNALFA — UFJF.*

Introdução

Aprender a ‘ver’ — não basta somente ‘enxergar’ — o arte-educador é alguém capaz de provocar um *start* na visão de mundo dos alunos. Através do despertar de um *olhar indagador*, o aluno começa um processo de descobrir a si próprio, conscientizar-se do mundo e contextos que o cerca. Assim poderá estabelecer novas relações e criar possibilidades de alterar realidades até atingir a fase adulta, por assimilar, mediante a sensibilidade e percepção, novas estruturas de pensamento, da imaginação e da criatividade, ao colocá-los em prática. Desta forma, a arte é uma possibilidade que se apresenta ao indivíduo de se relacionar com o mundo percebendo ‘o algo a mais’ que existe além da vida racional, automatizada e dominada pelos condicionamentos sociais.

O presente artigo tem como objetivo demonstrar um trabalho realizado com turmas de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II em duas escolas particulares da cidade de Juiz de Fora, estado de Minas Gerais, Brasil: o Colégio Stella Matutina e o Colégio Nossa Senhora do Carmo. Estas aulas motivaram os alunos para o conhecimento de bens tombados pelo patrimônio histórico da cidade. Através da utilização da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa (2008), referência em arte-educação no Brasil, o trabalho em sala de aula foi incentivado, a partir do calendário: “*Calendário 2011 — Pantaleone Arcuri: Construtora e Companhia Industrial,*” idealizado pelo artista plástico e professor de arquitetura da UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora) Jorge Arbach, juntamente com o arquiteto e professor da UFJF, Marcos Olender, responsável pelos textos. Este calendário foi publicado pela FUNALFA (Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage, órgão da Prefeitura Municipal) e UFJF. Cada aluno teve em mãos as imagens de edifícios do referido calendário (Figura 1) que compõem o conjunto de alguns bens tombados pelo patrimônio histórico da cidade e isso possibilitou que eles se deparassem com uma triste realidade: passavam pelas ruas em que estes bens se situavam, desconheciam estes edifícios, ignoravam, nem sequer prestavam atenção a este patrimônio.

Três cartazes “*Juiz de Fora para Sempre*” (Figura 2, Figura 3, Figura 4) também foram mostrados aos alunos em sala de aula, além do calendário. Estes cartazes sobre o “Inventário Arquetônico das Edificações Tombadas de Juiz de Fora”, foram publicados com o apoio: da UFJF, da Faculdade de Engenharia, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, da Fundação de Apoio e Desenvolvimento ao Ensino, Pesquisa e Extensão (FADEPE/JF), da Fundação Centro Tecnológico de Juiz de Fora e realizados com a coordenação do professor Julio Cesar R. Sampaio e projeto editorial de Jorge Arbach, em conjunto com os monitores e alunos do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFJF, que contribuíram

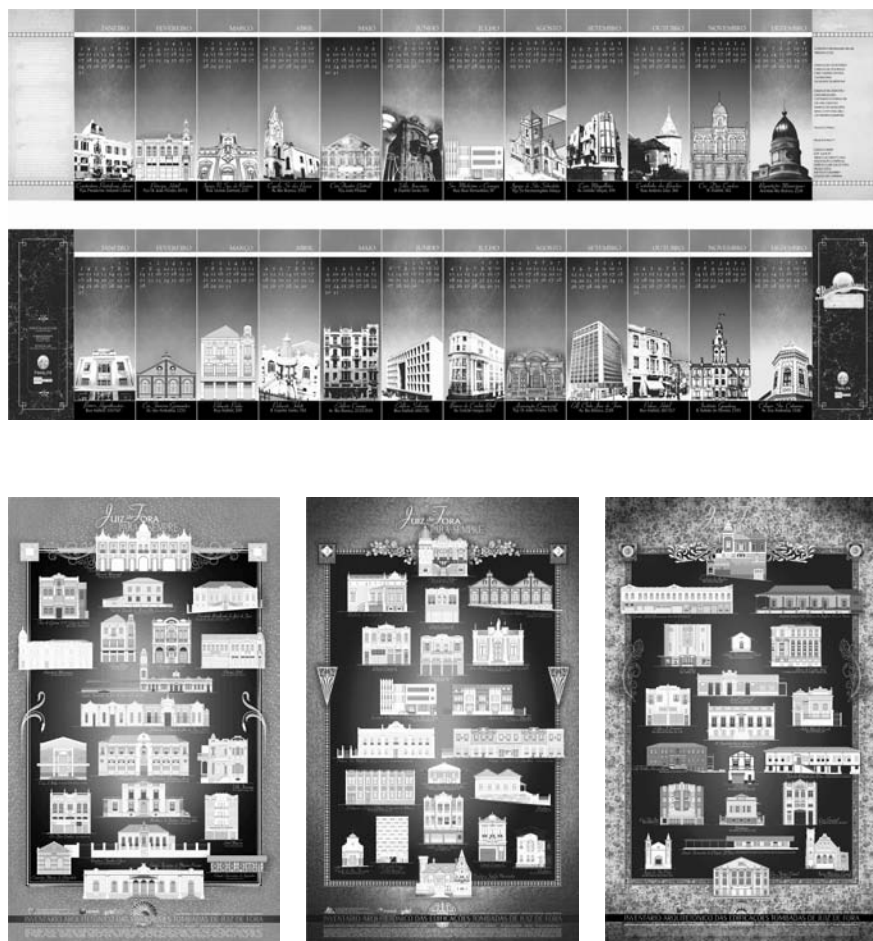


Figura 1 · Calendário 2011- Pantaleone Arcuri. (Frente e verso).
Fonte: imagem cedida pelo artista Jorge Arbach (2011a).

Figura 2 · Sequência de três cartazes: "Juiz de Fora para Sempre."
Fonte: imagens cedidas pelo artista Jorge Arbach (2011b).

Figura 3 · Sequência de três cartazes: "Juiz de Fora para Sempre."
Fonte: imagens cedidas pelo artista Jorge Arbach (2011b).

Figura 4 · Sequência de três cartazes: "Juiz de Fora para Sempre."
Fonte: imagens cedidas pelo artista Jorge Arbach (2011b).

com desenhos e tratamento das imagens, em suas aulas da disciplina envolvida: AURO52 — Técnicas Retrospectivas II.

O calendário, em conjunto com os cartazes, apresentam imagens que revelam história e memória de uma cidade que merece ser preservada.

A Educação Patrimonial é uma iniciativa que vai muito mais além do conhecimento histórico do patrimônio de um local — fundamenta-se na conscientização: do que representa o sentido de ‘pertença’ do ser humano a seu espaço; a significação da paisagem natural e urbana na construção temporal da integração do homem a este ‘seu lugar’; das memórias, tradições e cotidianos partilhados que sedimentam o ideário, o imaginário, práticas e hábitos que compõem as memórias individuais na formação da memória coletiva de uma comunidade — formam a sua identidade. Estes percursos configuram as cartografias afetivas de uma cidade. Acredito que não há como incentivar a valorização de um patrimônio sem que haja a sensibilização do olhar e envolvimento para com esta conscientização.

Para Halbwachs (2006: 71-72), o indivíduo participaria de dois tipos memórias: a de sua personalidade e vida pessoal e a outra, externa, condizente a memórias partilhadas com um grupo ou sociedade. Assim, a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas. O autor afirma que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros,” mesmo que seja em eventos ou locais em que somente nós estivemos envolvidos (Halbwachs, 2006: 30). Trabalhar os conteúdos históricos, mediante as narrativas, a memória e o envolvimento, são as tônicas neste trabalho desenvolvido nas duas escolas. As aulas de arte que ministrei com esta temática, desenvolveram-se com o seguinte propósito: sensibilizar e criar uma atmosfera de envolvimento dos alunos para o conhecimento do patrimônio histórico da cidade e, através de um *olhar indagador* e afetivo apreciar os bens tombados pelo patrimônio, realizar desenhos sobre estes ‘lugares’ de maior significação e afinidade pessoal. O fazer artístico pode enfatizar na prática, este envolvimento.

1. Contextualizar — apreciar — realizar

A Proposta Triangular foi utilizada como metodologia em sala de aula, em seus três componentes fundamentais: contextualização, a apreciação e o fazer artístico. Para Ana Mae (2008:26), “não basta ensinar arte com horário marcado, é necessário ensinar interdisciplinarmente para provocar a capacidade de estabelecer relações,” assim ela recomenda a introdução da arte em todo o currículo, transversalmente, para interligar territórios e provocar múltiplas interpretações.

Nestas aulas, a história, assim como a educação para o patrimônio, partilham esta abordagem conjunta com a arte.

A civilização atual, bombardeada pelas imagens e rapidez da tecnologia, concentra a visão, a audição e atenção dos alunos, muitas vezes, e a cada momento, aos celulares, tablets, computadores, enquanto estão nos percursos de carros, ônibus, metrô, etc. Às vezes a cidade, seus edifícios e ruas passam despercebidos para eles.

1.1 Contextualização

A contextualização foi o ponto de partida para o início da abordagem em sala de aula. Foram repassadas orientações teóricas sobre a importância do patrimônio histórico da cidade. Narrativas sobre a história da cidade, chegada dos imigrantes e o contexto da época foram essenciais para a localização do espaço temporal. A seguir, foi realizada uma breve explicação sobre o que é patrimônio e o que são bens tombados pelo patrimônio. Houve um panorama geral de como as leis de preservação iniciaram na cidade. A ação de artistas e personalidades locais, na defesa e preservação do patrimônio, também foi ressaltada. Os calendários apresentavam os edifícios tombados e construídos pela Companhia Pantaleone Arcuri, já os cartazes, de uma forma mais abrangente, apresentavam todos os demais edifícios tombados — tratava-se de todo o patrimônio edificado (Choay, 2010: 12). Arte/arquitetura e história aqui caminham juntas.

1.2. Apreciação

A FUNALFA cedeu-me cerca de 40 calendários e 3 cartazes para utilização em minhas aulas. Assim, em 4 turmas de 35 a 40 alunos, (2 turmas de cada escola), os cartazes eram fixados no quadro central das salas e os calendários, entregues individualmente a cada aluno, que podiam visualizar durante todas as aulas as imagens dos edifícios da cidade. Ao final das aulas, os calendários eram recolhidos para a utilização em outras turmas.

A apresentação das imagens dos edifícios desencadeou nova percepção aos alunos — o olhar se deslocou da invisibilidade rotineira do cotidiano urbano, para a apreensão visual de um bem tombado pelo patrimônio histórico, que adquiriu novo sentido à sua capacidade cognitiva e levou-os a um 'redescobrimto' de edifícios e de ruas da cidade. Estamos na civilização da imagem e esta, contribui com a memória e com as narrativas da história.

Os edifícios do passado contribuíram para o estudo sistemático das formas plásticas, do seu desenvolvimento e de sua classificação. As pesquisas dos antiquários acompanharam as

dos naturalistas e participaram com elas na criação de uma civilização da imagem: instrumento de análise do mundo e suporte da memória (Choay, 2010: 222).

A imagem, como análise e suporte da memória, é um pilar no ensino da arte nas escolas. A imagem é uma linguagem universal, utilizada na contextualização espacial, histórica e possibilita uma percepção mais abrangente da cidade, neste caso. São os elementos, os vestígios de uma cidade que a definem como um produto social (Fijalkow, 2002: 13). O calendário apresentado aos alunos contém pequenos e breves textos de Marcos Olender (2011) sobre Juiz de Fora, que inicia dizendo que se alguém perguntasse sobre os principais edifícios da cidade a um morador, dificilmente alguma obra da Companhia Construtora Pantaleone Arcuri ficaria de fora desta abordagem. Esta construtora, fundada em 1895, decorre da imigração de italianos para a cidade, que construíram diversos edifícios de grande importância local. Ele prossegue ao dizer: “para nos tornarmos cidadãos precisamos, em primeiro lugar, nos reconhecermos no lugar, na cidade em que vivemos, reconhecermos também todas aquelas marcas que ela deixou em nossos corpos e espíritos”. Ele comenta que esta publicação em material, como o calendário, ajuda a realizar este reconhecimento acerca dos bens tombados pelo patrimônio histórico.

A cidadania é mais um ponto fundamental a se desenvolver nos alunos. Para Cláudia Pereira:

Falar de memória coletiva transcende ao próprio conceito, quando se expande o horizonte para o sentido mais universal ligado ao homem, enquanto ser biopsicossocial-cultural. A ‘carga genética vivencial’ eticamente partilha a consciência de que o patrimônio e a memória social, os resquícios, produtos, rastros, indícios simbólicos, fazem parte do universo, contexto e história humana: pertencem à sua verdade – à sua condição intrínseca de ser-no-mundo. Ser cidadão (Pereira, 2013:160).

Para Ralph Smith (2008:100) uma proposta de qualidade, em busca da excelência para o ensino da arte, seria uma “luta para esta conquista.” Significa, para o autor, uma luta para conquista/descoberta de contextos, com os quais os alunos aprendessem a sentir a arte, a compreendê-la historicamente, a apreciá-la esteticamente, a realizá-la e a refletir por meio do espírito crítico. Este é um ideal e uma estratégia a se utilizar em arte-educação, com a qual concordo e esta, vem a reafirmar e reforçar a perspectiva de Ana Mae para o ensino da arte, que caminha no mesmo sentido. A “necessidade cultural” é para Pierre Bourdieu (2007: 9), “um produto da educação, da ação da escola.”

1.3 O fazer artístico — o *olhar indagador em ação*

Com os calendários em mãos, os alunos despertaram a curiosidade sobre a localização de cada edifício e perceberam em que rua, em que bairro, estes se situavam.

Abaixo de cada imagem, havia o respectivo endereço. Vários diálogos e perguntas surgiram durante as aulas — alguns alunos moravam bem próximos dos edifícios e se deram conta de que não haviam observado as fachadas; outros já comentavam que um de seus familiares, já havia narrado algum fato importante sobre o edifício. Diversos alunos descobriram que realmente desconheciam grande parte destas construções e então, pediram aos pais que os levassem aos locais para conhecerem durante a semana, ou no fim de semana. Percebe-se o surgimento do *olhar indagador*.

Alguns alunos visitaram edifícios e fotografaram para mostrar aos colegas em sala de aula. Estas iniciativas partiram deles próprios. Os diálogos e comentários foram enriquecedores e motivaram mais as turmas.

Creio que este ‘despertar’ e a motivação em ‘conhecer, apreciar’ foi um ‘fermento’ que criou um ‘efeito mágico’ (Eisner, 2008:79-84) para o interesse e realização das atividades. Uma série de questões surgiu neste processo, não só sobre a história e arquitetura da cidade, mas também sobre as atividades exercidas nestes locais.

1.3.1 Atividades

As atividades foram orientadas na seguinte sequência, após a primeira fase da contextualização e da entrega do material:

Cada aluno deveria eleger uma das imagens do calendário e realizar um desenho linear com caneta nanquim ou esferográfica sobre papel. A proposta era revelar a sua visão particular do edifício — não seria a mera cópia de uma imagem (Figura 5, Figura 6 e Figura 7).

Na aula seguinte, cada aluno deveria eleger outra imagem e realizar um desenho usando materiais de sua preferência como lápis de cor, giz de cera, canetas hidrocor, aquarela, etc, revelar outros ângulos do edifício e utilizar a imaginação. A proposta era recriar o edifício e usar a cor (Figura 8, Figura 9).

Em outra aula a seguir, os alunos deveriam, previamente, durante a semana, andar pela sua rua, pelo seu bairro e eleger uma casa ou prédio antigo, significativo ou de interesse, para representar em aula, através do desenho. Não seria um bem tombado pelo patrimônio e sim, qualquer construção escolhida afetivamente pelo aluno. A proposta era pesquisar para criar. Poderiam fazer um esboço prévio, ao desenhar em frente ao local e levar para a aula, a fim de realizar o desenho proposto, ou fotografar o local escolhido para olhar a imagem em sala

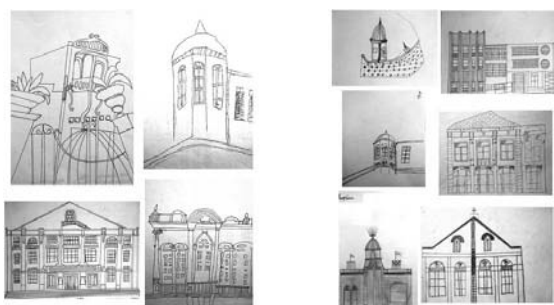
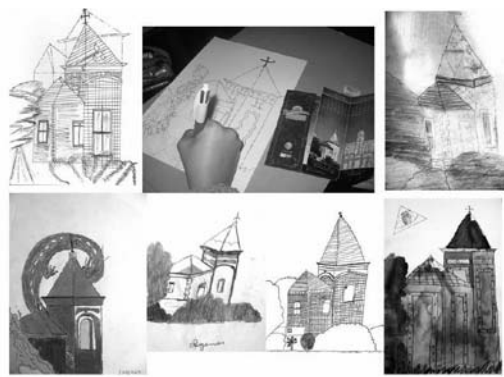


Figura 5 · Alguns desenhos dos alunos do 6º ano, de 10 e 11 anos de idade. Castelinho dos Bracher. Fonte: própria.

Figura 6 e 7 · Montagens: desenhos dos alunos do 6º ano, de 10 e 11 anos de idade. Fonte: própria.

Figura 8 · Montagens: desenhos dos alunos do 6º ano, de 10 e 11 anos de idade. Fonte: própria.

Figura 9 · Montagens: desenhos dos alunos do 6º ano, de 10 e 11 anos de idade. Fonte: própria.



Figura 10 · Desenho de um aluno — última etapa da aula, antes da exposição; Fonte: própria.

de aula e desenhar (Figura 10). Alguns alunos desenharam a vista olhando através da janela de seu quarto, outros fotografaram. Isto foi muito interessante. As aulas eram momentos de partilha de informações e de troca de ideias e experiências. Todos tinham histórias para contar sobre suas escolhas. Isso permitiu o intercâmbio entre locais e bairros diferentes em sala de aula, entre os colegas.

A última etapa foi realizar uma exposição nas escolas.

1.4. Análise crítica — avaliação

Os alunos participaram efetivamente de todas as etapas, produziram as atividades e demonstraram grande interesse em expor seus trabalhos. Realizaram também uma auto avaliação, o que foi muito positivo. A motivação, o interesse e o desejo em participar da exposição revelam uma satisfação na realização das atividades e principalmente, o envolvimento com conteúdo apresentado nas aulas de arte. Outras turmas e séries das escolas, ao tomarem contato com a exposição, expressaram grande interesse também pelo tema, expressaram o desejo de realizar as mesmas atividades e fizeram várias perguntas sobre os edifícios retratados e sobre a cidade.

Conclusão

O processo de trabalho em sala de aula despertou o *olhar indagador* destes alunos para o conhecimento, reflexão, expressão artística, recreação, através da imaginação, mas principalmente, conscientizou-os sobre o que é ser cidadão e sobre a importância da preservação da história e memória da cidade, que

formam a memória coletiva local (Halbwachs, 2006). Foi possível perceber um ‘reencantamento’ com a cidade — o que é gratificante. A conscientização e sensibilização para o patrimônio é fundamental nas escolas, pois os jovens atuais serão os sujeitos históricos do futuro. Segundo Ana Mae (2009) “não podemos entender a cultura de um país sem conhecer sua arte”.

Referências

- Arbach, Jorge; Olender, Marcos (2011a) *Calendário 2011 -Pantaleone Arcuri: Construtora e Companhia Industrial*. Juiz de Fora: FUNALFA, UFJF.
- Arbach, Jorge; Sampaio, Julio (2011b) *Juiz de Fora para Sempre*. Três cartazes, nº 1, nº 2 e nº 3. Juiz de Fora: UFJF, FADEPE, Fundação Centro Tecnológico.
- Barbosa, Ana Mae (2008) *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez.
- Barbosa, Ana Mae (2008) “Interterritorialidade na Arte/Educação e na Arte.” In: Amaral, Lilian; Barbosa, Ana Mae. *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Edições SESC SP. pp.19-44.
- Bourdieu, Pierre (2007) *O amor pela arte*. Porto Alegre: Editora Zouk.
- Choay, Françoise (2010) *Alegoria do patrimônio*. Lisboa: Edições 70.
- Eisner, Elliot (2008) “Estrutura e mágica no ensino da arte.” In: Barbosa, Ana Mae. *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez. pp.79-95.
- Halbwachs, Maurice (2006) *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Pereira, Cláudia (2013) Centro Cultural Bernardo Mascarenhas: de ícone industrial a Espaço de Cultura. In: *Revista Vox Musei: Arte, Patrimônio e Museus*, volume 1, número 1, janeiro-junho. pp.160-173. ISSN 2182-9489.
- Smith, Ralph (2008) “Excelência no ensino de arte.” In: Barbosa, Ana Mae. *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez. pp. 97-112.